

Nach ponedielnik, nº 4, 1922, p. 4

Crime e castigo – Outono dourado – Ralé

L. S. Vygótski

(ilegível)... mas a simplicidade, a rudeza e o frescor são autênticos, apesar de pesados. Trata-se de um ator cujo estilo de interpretação ainda não foi completamente trabalhado, são muitas as casualidades inesperadas e não calculadas, mas seu talento é inegável.

Ralé é um espetáculo muito melancólico e entediante. Não é, de jeito nenhum, o destaque da turnê. A não ser nas letras grandes do programa e do cartaz. Sosnin quase não se destacou no triste conjunto geral. Ralé é uma peça de pathos romântico, e não de cenas cotidianas. O homem orgulhoso, no qual foram apagadas todas as cores sociais, o ex-homem, o pé-rapado Górkiano é uma figura abstrata, inverossímil, quase um símbolo, em todo caso uma quimera. A prostituta, que vive um “amor fatal”; o trapaceiro, que propaga o super-homem, entre outros, as almas pouco coradas, os monges do sonho e da impossibilidade. É isso que torna a peça preciosa, e não a representação da miséria e do abrigo noturno. Como diz Luká, nela “a questão não é a palavra, mas o porquê ela é dita”; aquilo que está atrás da palavra, atrás dos personagens – e isso é romantismo puro. Colocar em primeiro plano o aspecto cotidiano da peça significa justamente destruí-la. Esses pés-rapados que filosofam, que conversam por aforismos – uma espécie de academia e não um abrigo noturno, como já foi observado várias vezes – são absurdos e falsos no plano cotidiano e naturalista.

Sátin (Vurmánski), em sua imponente sobrecasaca, parecia até um tipo de professor – ele não falava, palestrava.

Sosnin destacou no barão apenas os traços cotidianos, mas não transmitiu a névoa eterna da cabeça e do coração; o absurdo esplêndido, a fraqueza pitoresca e comovente e o desamparo

dessa figura quimérica não foram transmitidos. Resultou algo eficiente no sentido prático, mas ruim.

Verchínin (Luká) – um ótimo ator – está livre e à vontade com uma interpretação trabalhada e confiante, com humor genuíno. Mas as particularidades acentuadas da fala e da entonação cotidiana de seu Luká, fez com que ele perdesse a ironia romântica, a malícia complexa do serviçal do sonho que nunca existira e o poeta da mentira. No último ato há uma verdadeira reunião, tão cerimoniosa e eficiente que pede para ser protocolada. Bolótina esboçou Vassilisa melhor do que os outros: foi algo significativo em todo caso.

Com isso finalizo. É uma pena que eu possa parecer rabugento nessas linhas: isso não é verdade, e aquilo também. Gostaria de ser compreendido assim: trata-se apenas de uma reação *negativa* à interpretação de Sosnin e de outros; uma resenha daquilo que faltou nela; uma indicação daquilo que não existe e que não é possível encontrar nela. Eu corretamente intitularia essas linhas da seguinte forma: *aquilo que não existiu*. Por que é sobre isso que estou escrevendo. Porém, *aquilo que existiu*, também vale uma conversa. Adiarei essa conversa, dessa vez até a abertura da temporada de inverno, quando, em condições de trabalho tranquilo e prolongado, isso se revelará com mais clareza e nitidez e poderá ser avaliado de forma mais precisa. Porém, o mais importante, me parece, foi esboçado nessas linhas, as quais, na verdade, não são indicações de um professor, mas sim uma simples volta do pensamento: ao rejeitar aquilo que não existe, os verdadeiros contornos do objeto permanecem e se delineiam. Em duas palavras: a interpretação de Sosnin não é uma pintura cênica (é disso que falei o tempo todo), mas uma obra de arte gráfica nobre, teatral e sem cores, a arte pura do desenho, assim como os poetas têm versos e prosa. Ele não interpreta com os versos; é um artista da prosa cênica. É isso.